
DOSSIÊ

O CORTEJO DE UM LUGAR COM LÍVIA DE OLIVEIRA

Ivan Fortunato²⁰

Concluí o doutorado em geografia no dia 05 de junho de 2014. Curiosamente, não estudava geografia desde o final do ensino médio, em 2000. Pior. Somente “estudei” geografia porque era uma disciplina que fazia parte do currículo imposto.

Não faz parte deste texto narrar as vicissitudes da vida e os caminhos tortuosos que me levaram ao programa de pós-graduação, na cidade de Rio Claro. Mesmo assim, acho importante destacar que essa ciência não fazia parte de minhas metas acadêmicas. Isso quer dizer que gostar de geografia, então, sequer havia sido cogitado... até o dia em que estive, pela primeira vez, com a professora Livia de Oliveira.

Não obstante, esse nosso encontro não foi espontâneo, nem mesmo motivado pelas brilhantes ideias geográficas desenvolvidas e apresentadas pela professora Livia ao longo de sua carreira. Em verdade, somente a procurei quando ficou mais do que evidente que não concluiria o doutorado, pois nada havia avançado na tese, mesmo tendo ingressado no programa dois anos e alguns meses antes.

Assim, foi pelo telefone que nos conhecemos, e logo marcamos para conversar sobre minha tese que, até aquele momento, em abril de 2013, era mera intenção de pesquisa...

A professora Livia foi a primeira pessoa que ouviu minhas inquietações a respeito de *um lugar na cidade de São Paulo* e não subjugou a intenção de tentar

²⁰ Ocupa a cadeira 37 do IHGGI – Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Realizou doutorado em Geografia com a Livia entre abril de 2013 e junho de 2014.

compreender porque o Pateo do Collegio, no Centro Histórico, havia se tornado tão especial para mim.

Depois de escutar atentamente, ela me deu um livro, no qual pude ler seu texto mais recente, que tratava especificamente sobre “O Sentido do Lugar”, praticamente esclarecendo porque aquele local paulistano me era tão caro. E qual não foi minha surpresa ao notar que a professora Lívia também nutria sentimentos pelo mesmo lugar...

Daquele “Pátio do Colégio”, o ponto de partida do passado para o futuro, a vila de Piratininga, se espalhou pelas colinas em busca das várzeas, subindo os espigões, atingindo vales, se cambiando de cores, de estilos, de fachadas, rasgando avenidas e perfurando túneis, com caras novas, se transformando em uma grande metrópole. Porém, continuando um lugar, um aconchego para os migrantes que aqui se instalaram e continuam a procura-lo (Oliveira, 2012, p. 14).

O *lugar na cidade de São Paulo* tornou-se lugar comum entre a professora Lívia e eu, causando conversas semanais sobre sentido, ontologia e ... NAMORO! Namorar os lugares foi uma das mais belas lições aprendidas em nossos encontros, que partiu das ideias registradas no livro de René Dubos (1981) que me foi apresentado com grande alegria, pois eu estava, como a própria professora me disse, “cortejando” aquele emblemático lugar no centro histórico paulistano.

Assim seguimos o trabalho: eu passava uma semana imerso em leituras, cotejando o lido com o vivido com o fotografado, tentando esquadrinhar o sentido do Pateo do Collegio enquanto lugar, seja para São Paulo, seja para minha particular experiência. Daí, tudo isso virava texto, que era revisado, vírgula por vírgula, palavra por palavra, pela professora Lívia. Depois de lido, conversávamos novamente.

Havia duas possibilidades de conversa: sentados em suas belas poltronas no estilo colonial, frente a frente, ou em um banquinho de madeira, ao seu lado, na mesa de estudos. Nesse ritual, sentar nas poltronas significava que havia alcançado êxito, e que estava pronto para avançar. O banquinho, por outro lado,

implicava reiniciar o processo, principalmente porque eu insistia em teorizar sobre geografia, deixando o Pateo de fora, como se ele não participasse da tese. Lembro que entre abril e setembro de 2013, pouco sentei naquele banquinho e logo estava com o trabalho qualificado, tendo o privilégio de ter meu trabalho avaliado pela primeira doutora formada pela Livia, a professora Lucy.

Depois da qualificação, aquele banquinho se tornou minha segunda casa.

A professora Livia disse que havia deixado eu caminhar sozinho, até a qualificação, pois era preciso que eu sentisse que estava avançando. Afinal, a geografia, que não me era uma ciência familiar, já tinha me frustrado por mais de dois anos. Contudo, ela não poderia me deixar concluir o doutorado se eu não fosse capaz de pensar geograficamente. Desde outubro, então, pude vivenciar a paixão da professora Livia pela geografia e a energia que ela desprendia com o meu trabalho, lendo, relendo, corrigindo e, efetivamente, orientando. Nunca ela devolvia minhas páginas sem anotações, rabiscos, ideias para melhorar a escrita...

Com a professora Livia, aprendi a importância de cada palavra, o quanto cada palavra importa para a produção do conhecimento. Junto, líamos e relíamos seu dicionário de sinônimos, sempre em busca de um termo que melhor explicasse o sentido que pretendia dar ao meu texto.

Desse modo, seguimos praticamente todas as semanas de novembro e os primeiros dias de dezembro, retomando logo em meados de janeiro os encontros, quase sempre no banquinho.

Conforme avançava, a professora Livia me contava sobre sua jornada com a geografia e sobre sua vida em São Paulo. Com ela, conheci os trabalhos de Pasquale Petrone (1995) sobre a capital, e como esta cidade se tornou um “cadinho étnico” nas transições da época colonial para a economia cafeeira, depois para a cultura capitalista industrial. Nas buscas para melhor entender o Pateo do Collegio na evolução de São Paulo colonial para metrópole mundial,

encontrei um texto muito explicativo de um João Gualberto de Oliveira... ou o tio da professora Lívia. E essa coincidência muito nos encantou.

Talvez tenha sido dessa forma, lendo, escrevendo, errando, ouvindo, encontrando coincidências e novidades, que descobrimos qual era o sentido daquele *lugar na cidade de São Paulo* para mim, o qual balizou uma procura de anos para entender essa ligação afetiva, emocional, visceral. O sentido era de encantamento. Daí o primeiro capítulo da tese foi nomeado como “o súbito encanto com o lugar”.

Uma vez desvendado esse mistério, o trabalho fluiu. Juntos, com o auxílio de Dardel (2011) e Tuan (1983; 1980), pensamos sobre “lugarizar” um lugar, conceito que, no momento da defesa, a professora Lívia assumiu grande parte da responsabilidade pelo seu registro em minha tese, afirmando que ela tinha experiência, conhecimento e autoridade suficientes para apresentar um novo conceito à geografia.

No registro dessas memórias sobre aprender geografia com a professora Lívia de Oliveira, o ensinamento mais marcante aconteceu no dia da defesa de minha tese, no momento em que fui buscá-la. Sempre pontual, ela já estava na frente de seu prédio, pronta para irmos para a UNESP. Encostei o carro próximo à entrada principal do condomínio, liguei o pisca alerta e descí. Dei a volta no carro e corri para cumprimentá-la com um longo abraço, agradecendo tudo o que ela havia feito por mim nesse ano de intensos encontros geográficos.

Ao abrir a porta do passageiro para que ela pudesse entrar, falei, “deixe-me ajudá-la, professora”. Ela me olhou e perguntou: “por que você sempre me chama de professora?”. Respondi, de imediato, “por respeito” ... Eis que ela me olha e, calmamente, me explica: “se é por respeito, então me chame de Lívia. Eu sou primeiro a Lívia e, depois, professora. Nada mais respeitoso que reconhecer uma pessoa por ela mesma, e não por sua profissão”.

Calei. Desde esse dia, nunca mais a chamei de professora. Ela é a Lívia, de Oliveira. A pessoa que um dia atendeu meu telefonema e me convidou para

fazer parte de sua vida. Com ela, aprendi a pensar geograficamente os lugares da minha vida. Com ela, reconheci a importância do Pateo do Collegio e descobri ser possível cortejar, namorar e amar os lugares.

Hoje, em meados de 2016, descobri que amo duas cidades: São Paulo e Itapetininga, cidade onde tornei professor logo após ter concluído doutorado com a Lívia. Foi aqui em Itapé²¹ que firmei meu compromisso com os lugares e com tudo o que ela me ensinou pois, com muito orgulho, assumi, em junho deste ano, a cadeira 37 do IHGGI, o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga.

Ao final, fica registrado o profundo reconhecimento da presença de Lívia de Oliveira em minha vida, e a sorte de ter tido impulso tão vigoroso em minha carreira. Lívia, para sempre, muito obrigado!

Referências

- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159 p.
- DUBOS, René. **Namorando a Terra**. Tradução de Maria Cristina Carnevale. São Paulo: Melhoramentos; Universidade de São Paulo, 1981, 150 p.
- FORTUNATO, Ivan. **Pateo do Collegio**: um lugar na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- OLIVEIRA, João Gualberto de. Pátio do colégio nº 1. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 179-194, 1975.
- OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.) **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.
- PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 10, n. 21-22, p. 127-170, 1995.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1983, 250p.
- TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980, 288p.

²¹ Na tese anotei que os lugares, assim como as pessoas que gostamos, são referidos por um apelido afetuosos.